

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
INSTITUTO VILLA-LOBOS  
LICENCIATURA EM MÚSICA

**A CRIANÇA E A MÚSICA – UMA PARCERIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO**

MARIA LAURA PERFEITO DE BERRÊDO

**2009**

A CRIANÇA E A MÚSICA  
UMA PARCERIA NO PROCESSO DE  
DESENVOLVIMENTO

por

MARIA LAURA PERFEITO DE BERRÊDO

Monografia apresentada como exigência parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música do Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, sob a orientação da Professora Dra. Maria Ângela Monteiro Corrêa.

Rio de Janeiro

2009

Ao meu filho Antônio, inspiração maior desta pesquisa, e minha obra-prima

## Agradeço

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Ângela Monteiro Corrêa

À Professora Doutora Mônica Duarte

A Joana Mattos, pela ajuda imensurável

A João Carlos Galvão de Berrêdo e Vera Maria Perfeito de Berrêdo, meus pais, por acreditarem em mim

A Denise Maria Jorge Perfeito, minha tia, minha fada madrinha

A Lena Monteiro, por me apresentar ao fantástico mundo musical

A Adriana Peixoto, pela amizade sempre

A Gabriela Costa, pela amizade distante, mas muito presente

E a Joadelivio de Paula Codeço Neto, por estar ao meu lado e pelo amor imenso

*A terapêutica musical é o contrário da terapêutica de origem física. Se nesta aos doentes insensíveis aumenta-se a dose, na musical aos insensíveis deve-se diminuir a dose, músicas mais fáceis, sem grande complexidade, de mais modestas exigências estéticas. A música é equiparável aos medicamentos que se utilizam, como agentes terapêuticos, dos elementos vibratórios, luz, calor, raios X, e portanto, como se dá com estes e principalmente com a eletricidade, a dosificação tem de a princípio tatear terreno e deverá ser estabelecida para cada caso em particular. (Mario de Andrade)*

*Se seus sonhos estiverem nas nuvens, não se preocupe, pois eles estão no lugar certo, agora construa os alicerces. (Dalai Lama).*

## **RESUMO**

O objetivo dessa pesquisa é descrever e exemplificar como a música pode ajudar a criança a se desenvolver na primeira infância, levando em conta não somente o campo da cognição, mas também os campos social e afetivo, abarcando a complexidade e a pluralidade do ser humano, bem como sua contextualização cultural. Por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, a proposta é relacionar música e desenvolvimento, com o intuito de descobrir se a vivência musical na primeira infância pode trazer algum benefício ao indivíduo e apontar alguns deles. E de acordo com os resultados obtidos, sob os aspectos cognitivo, social e afetivo, que são atrelados e não podem ser observados separadamente, a música contribui para o desenvolvimento infantil. A subjetividade da linguagem musical pode ser o ponto de partida para a comunicação e para o desenvolvimento da afetividade e da socialização da criança. No entanto, a música não é o único fator importante para um bom desenvolvimento. Existem outros fatores que precisam ser atrelados à vivência musical, para que o processo de desenvolvimento seja completo e sadio, como por exemplo respeito, empatia, disponibilidade entre outros. Através da música é possível ensinar valores e regras para uma criança, e o importante é que aconteça de forma lúdica e divertida, como a criança vivencia o mundo e a vida.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil; Aprendizagem; Musicalização; Musicoterapia

## **SUMÁRIO**

	Página
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA.....	3
1.1 O crescimento pré-natal	
1.2 O nascimento	
1.3 O cérebro – crescimento e processos cognitivos básicos na primeira infância: as bases do desenvolvimento psicomotor	
1.4 A questão do brinquedo	
CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO MUSICAL E MUSICOTERAPIA.....	11
2.1 Musicalização infantil	
2.1.1 Partes da aula	
2.1.2 O brinquedo de roda	
2.2 Musicoterapia	
2.2.1 Biologia do som	
2.2.2 Psicologia do som	
2.2.3 A música na percepção da dor	

CAPÍTULO 3 - PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA, DA EDUCAÇÃO MUSICAL E DA MUSICOTERAPIA: ENTREVISTAS.....	23
3.1 Entrevista com um professor de musicalização infantil	
3.2 Entrevista com uma musicoterapeuta	
3.3 Entrevista com uma psicóloga	
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS.....	37
4.1 Desenvolvimento cognitivo, social e afetivo	
4.2 Musicalização infantil	
4.3 Musicoterapia	
4.4 Entrevistas	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS .....	43

## **INTRODUÇÃO**

A música estimula física e emocionalmente as pessoas. Como isso acontece e como o corpo humano responde a estímulos sonoros? Como relacionar a música ao processo de aprendizagem da criança em sua primeira infância? A música pode ser uma parceira no processo de desenvolvimento infantil?

A música vem acompanhando a História da Humanidade ao longo dos tempos e exercendo as mais variadas funções. Música é uma linguagem universal, que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço. Essa relação do ser humano com a música se dá desde a vida intra-uterina e o acompanha durante toda a vida.

Há algum tempo pesquisadores e profissionais da área de educação, música, musicoterapia e saúde mental, entre outros, vêm pesquisando novos caminhos para o processo de desenvolvimento da criança. À luz da ótica de alguns destes profissionais e autores, pretendo apontar como podemos usar a música como parceira no processo de desenvolvimento e como facilitadora desse processo tão importante, para que a criança se torne um adulto sensível, saudável e capaz.

A vivência musical é um fator que contribui na construção da subjetividade dos indivíduos. É uma forma de ampliar o desenvolvimento, o processo de ensino-aprendizagem e a cognição sem mencionar técnicas e métodos, mas abrangendo toda a complexidade e a pluralidade do ser humano, abarcando também o campo social e afetivo.

Este trabalho está dividido em três capítulos.

O primeiro procura entender, de forma geral, o processo de desenvolvimento da criança, partindo da ótica de autores como Vygotsky, Henry Wallon e Jean Piaget, do ponto de vista cognitivo, social e afetivo.

No segundo capítulo, a idéia central é explicar como é feita a educação musical para crianças, como é essa vivência musical nas aulas de música e, também entender um pouco o que é musicoterapia, considerada como uma ciência paramédica, se utiliza da música para tratar de doenças, para diminuir a dor da perda ou da morte iminente, para ajudar a criar vínculos, a melhorar relações afetivas, entre tantas outras funções, e que vem sendo estudada cada vez mais e que ainda é pouco entendida ou respeitada.

No terceiro capítulo, serão abordadas as questões da pesquisa, com profissionais das áreas de educação musical, musicoterapia e psicologia, que por meio de entrevistas, apresentaram uma visão geral de como este problema é visto e vivido profissionalmente na sociedade.

Por fim, no último capítulo serão discutidos os resultados obtidos na pesquisa, observando os conceitos teóricos e os comparando às entrevistas, analisando os resultados obtidos, a fim de encontrar respostas às perguntas feitas inicialmente.

Esse trabalho é destinado especialmente a educadores e pessoas interessadas em refletir sobre o ensino de música e formas de aperfeiçoá-lo e a educação como um todo. Um dos objetivos desta pesquisa é explicar como se desenvolve uma criança de forma simples, para que qualquer pessoa interessa no assunto possa compreender o texto. A importância de se estudar o comportamento da criança é muito grande, pois é na infância que podemos buscar os motivos para as conseqüências da idade adulta, sejam elas boas ou ruins.

## **CAPÍTULO 1 – O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Na definição do dicionário Houaiss, os conceitos de “desenvolvimento” são: “aumento de qualidades morais, psicológicas, intelectuais, etc”; “crescimento, progresso, adiantamento” (Houaiss, 2002, p.989) No entanto, quando se fala em desenvolvimento, dentro de nossa sociedade competitiva e tecnicista, é comum se ter uma visão somente do aspecto cognitivo, descartando os aspectos emocionais e psicológicos.

O psiquismo humano, segundo Henry Wallon, é construído como consequência do entrelaçamento do que metaforicamente chamava “dois inconscientes”: o inconsciente biológico e o inconsciente social. Esse capítulo será dedicado a algumas considerações gerais sobre o desenvolvimento físico e psicomotor na primeira infância, não apenas através da visão do campo da cognição, mas também os campos da afetividade e da sociabilidade, dentro de uma visão mais ampla e humana.

Para Vygotsky (1984), a cultura torna-se parte da natureza humana. O teórico estudou a psicologia genética para entender a gênese, formação e evolução dos processos psíquicos superiores do ser humano. A psicologia genética estuda a infância justamente para tentar compreender a formação dos processos psíquicos e das etapas pelas quais eles passam em sua evolução.

Segundo Vygotsky (1984) a interação social tem um papel importante no desenvolvimento do ser humano, e por isso o seu interesse em estudar a infância.

O bebê humano, se comparado aos demais mamíferos e a outros animais, é muito menos preparado para lidar com as dificuldades impostas pelo meio em que nasce. Quando isolado, privado de contato com outros humanos, o homem é fraco e insuficiente (Rego, 1995).

No processo de constituição humana é possível distinguir:

duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas (Vygotsky, 1984, p. 52).

Para o teórico, ao mesmo tempo em que o homem transforma seu meio para atender às suas necessidades, transforma-se a si mesmo. A cultura é parte constitutiva da natureza humana.

O autor também considera a base biológica do funcionamento psicológico, que é o cérebro, onde acontecem as atividades mentais. O cérebro é entendido como

um sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual. (...) o cérebro pode servir a novas funções, criadas na história do homem, sem que sejam necessárias transformações no órgão físico (citado por OLIVEIRA, 1933, p. 24).

Ou seja, o cérebro é um órgão que se adapta às necessidades vitais impostas pelo meio, e se modifica sem precisar se transformar fisicamente. Desde o crescimento pré-natal o cérebro vai se modificando, como veremos a seguir.

## **1.1 O CRESCIMENTO PRÉ-NATAL**

Essa fase da vida, ainda dentro do útero materno, é tão importante quanto acelerada. Existem duas etapas na fase pré-natal: a embrionária e a fetal.

A etapa embrionária é importante porque é nela que ocorre a morfogênese - quando se diferenciam as partes do corpo: cabeça, membros entre outras, e a histogênese - diferenciação das células de tecidos especializados como epitelial e nervoso.

Após a oitava semana de gestação, e já com aproximadamente 3 cm, o embrião entra na fase fetal, quando o crescimento é acelerado e as partes do corpo ficam um pouco mais proporcionais. O bebê só para de crescer quando toma todo o espaço interno da mãe, o que ocorre normalmente entre o oitavo e o nono mês. Neste caso, o crescimento também sofre com alterações externas como, por exemplo, a desnutrição materna, a exposição à radiação ou uso de drogas pela mãe, fatores que podem afetá-lo negativamente.

## **1.2 O NASCIMENTO**

O nascimento é um momento crucial na vida de um ser humano e determina se ele vai sobreviver e quais as suas condições biológicas e físicas. Logo que nasce, todo bebê deveria passar por um exame que testa os reflexos, para avaliar se ele está respondendo ao que é considerado padrão. Este teste tem o nome de Teste de Apgar e verifica os principais reflexos que já existem no bebê desde o nascimento, que são sucção – tende a sugar tudo o que entra em contato com sua boca, enraizamento – gira a cabeça quando tocado na bochecha, à procura da fonte do estímulo, palmar – quando tocado nas mãos tende a fechá-las com força, agarrando o que o tocou, Moro – como um susto quando há mudança brusca de estimulação,

criando um sobressalto, marcha – quando segurado pelas axilas mas

com os pés tocando uma superfície plana, tende a dobrar e esticar as pernas como se estivesse marchando no lugar. A maior parte destes reflexos tende a sumir com o passar do tempo, devido à maturação do cérebro.

### **1.3 O CÉREBRO – CRESCIMENTO E PROCESSOS COGNITIVOS BÁSICOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA, AS BASES DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR**

A parte mais evoluída do cérebro é o córtex, que no recém-nascido é ainda pouco desenvolvido. A conduta do bebê nessa fase está repleta de movimentos incontrolados e automatismos. Com o tempo e a estimulação que a criança recebe do ambiente, o cérebro vai se desenvolvendo e crescendo, os movimentos que inicialmente eram incontrolados passam a ser controlados e os automatismos passam a ser movimentos voluntários.

Os fatores externos como a nutrição e os estímulos, podem contribuir ou não para este desenvolvimento ser mais ou menos saudável. A estimulação é fundamental para proporcionar um bom desenvolvimento psicológico e, por isso se deve estimular o bebê com experiências ricas e variadas tanto no aspecto cognitivo, como social e afetivo.

A percepção, outro aspecto importante no processo de desenvolvimento, serve para nos colocar em contato com o mundo por meio dos sentidos. É um mecanismo de adaptação do indivíduo e da espécie. Engloba o desenvolvimento da percepção visual, da audição e outras

modalidades sensoriais, além da coordenação intersensorial.

O aspecto psicomotor é o mundo das relações psiquismo-movimento e movimento-psiquismo. É ao mesmo tempo fonte de conhecimento e expressão de conhecimentos já existentes. A área de conhecimento que estuda esse aspecto chama-se psicomotricidade. (Coste, 1979)

A principal meta do desenvolvimento psicomotor é que o indivíduo conquiste o controle do próprio corpo até ser capaz de extrair todas as possibilidades de ação e expressão.

Um recém-nascido não controla seu corpo ainda, nem seus movimentos, mas ao final da primeira infância o quadro é bem distinto pois seus movimentos já são coordenados e voluntários, é capaz de andar, correr, tem controle sobre o próprio corpo. Esta transição ocorre através de um processo progressivo baseado em duas leis: céfalo-caudal e próximo-distal.

A lei céfalo-caudal determina que a criança controle primeiro as partes do corpo que estão próximas à cabeça, começando por ela e pelo pescoço principalmente, e se estende para baixo do corpo, em linha reta até os pés.

A lei próximo-distal refere-se ao fato de que as partes do corpo que estão mais próximas ao eixo corporal – que é uma linha imaginária vertical que divide simetricamente o corpo ao meio, são controladas antes das que estão mais afastadas desse eixo. A lei próximo-distal explica por que a motricidade fina é desenvolvida somente depois da motricidade grossa. Ou seja, primeiro a criança aprende a agarrar um objeto simples como uma mamadeira, para depois segurá-lo com firmeza, e só depois pode segurar um objeto mais complexo como um copo de vidro, ou uma tesoura, e ainda depois aprende a manusear a tesoura, ou a escrever com um lápis.

## 1.4 A QUESTÃO DO BRINQUEDO

Uma das questões que Vygotsky (1984) abordou em sua teoria foi o brinquedo. A função do brincar não está no brinquedo, no material usado, mas sim na atitude subjetiva que a criança demonstra na brincadeira, seja ela de qualquer tipo. A brincadeira traz o real para o mundo infantil, suaviza o impacto provocado pelo tamanho e força dos adultos, e diminui o sentimento de impotência da criança. A convivência do bebê com o adulto, desde seu nascimento, proporciona a integração deles ao seu contexto social, atribuindo significados às condutas e aos conceitos culturais. Dessa forma, a criança começa a projetar seus desejos através da brincadeira. Nela “realiza” esses desejos sem sofrer as consequências da vida real, e é sempre uma atividade carregada de prazer, de satisfação. Satisfação essa que se não é vivenciada pode causar certos distúrbios comportamentais ou comportamentos estereotipados. Por exemplo, na brincadeira, uma criança pode voar sem se machucar realmente, pode ser mãe sem precisar engravidar literalmente. É com essas brincadeiras que a criança vai incorporando conceitos como “certo” e “errado”, o “bom” e o “ruim”, o “pode” e o “não pode”, entre outros. Para Souza (2008), é importante que a criança possa explorar o brinquedo livremente, mesmo que não corresponda à expectativa do adulto, que muitas vezes compra o brinquedo que gostaria de ter tido ou apenas para se livrar da criança por alguns momentos. A criança percebe a subjetividade que vem junto com o presente que lhe foi dado. Ela exercita sua criatividade através de objetos simples como caixas de papelão, pedaços de papel, pano, canudo etc. São brinquedos com os quais a criança pode externar sua capacidade de criação, de construção, e também desenvolve a linguagem, o pensamento e a concentração, a atenção.

Deve-se evitar dar à criança muito pequenos objetos que sejam muito estruturados e apenas possam representar aquilo que foram feitos para ser. Segundo Moscovici (2008), os brinquedos mais adequados para cada fase são:

- De 0 a 2 anos deve-se explorar a percepção visual, através de móveis grandes e coloridos, pendurados no berço, para que a criança consiga brincar, manusear. Também deve-se oferecer objetos que produzam algum tipo de som, estimulando a percepção auditiva do bebê.

- Por volta do primeiro ano, normalmente, a criança passa a gostar brincar com objetos de encaixe, e também de esconde-esconde, quando ela passa a vivenciar a ansiedade de não saber onde a pessoa (ou o objeto) está mas, quando revê o que se escondeu, percebe que pode suportar a ausência deste.

- Entre 2 e 4 anos o brinquedo passa a ter certas funções específicas, representando algumas atividades básicas do cotidiano da criança, como panelinhas, posto de gasolina, carrinho, bonecas. Nessa fase a bola também ajuda a aprimorar a noção de distância, de espaço e de equilíbrio.

- De 4 a 6 anos a criança se interessa por jogos, com regras que exploram o raciocínio, o aspecto mental e o emocional. No jogo ela experimenta ganhar e perder, e a lidar com o sentimento de frustração, que é fundamental para o equilíbrio da personalidade.

- Dos 4 aos 8 anos a criança já relaciona o mundo interno com o externo, percebe o ambiente ilimitado, gosta de jogos mais elaborados, como quebra-cabeças e de jogos comunitários, como vôlei, futebol, piques de diversas modalidades – pique-esconde, pique-bandeira, pique-parede, pique-pegas entre outros.

- A partir dos 10 anos a criança começa a se interessar pelo videogame porém, deve

usá-lo com moderação pois o videogame é um jogo pouco rico, por não envolver relação em grupo. É importante que a criança jogue sempre com outra pessoa, para que experimente noções de competição, de cooperação e de frustração.

Mesmo havendo diferença entre o comportamento na realidade e na brincadeira, a atuação no mundo imaginário e o estabelecimento de regras a serem seguidas criam uma zona de desenvolvimento que Vygotsky (1984) chama de proximal ou potencial, na medida em que impulsionam certos conceitos e processos em desenvolvimento. Por meio de intervenções constantes dos adultos – e de crianças mais velhas, os processos psicológicos mais complexos começam a se formar. Assim o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro, que indica, delimita e atribui significados à realidade. Por isso para o autor a fala tem papel fundamental de organizadora da atividade prática e das funções psicológicas humanas.

Vygotsky (1984) identifica dois níveis de desenvolvimento: um que se refere às conquistas já efetivadas, chamadas de desenvolvimento real ou efetivo; e o nível de desenvolvimento potencial, que se relaciona com as capacidades que ainda serão construídas.

O desenvolvimento real trata apenas do que a criança já é capaz de realizar, como andar de bicicleta ou resolver um problema matemático. É um olhar retrospectivo às capacidades adquiridas. Normalmente nas escolas, na vida cotidiana e nas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, a criança é vista somente deste nível, ou seja, supõe-se que somente o que ela já sabe fazer, sem a ajuda de outros, é representativo para seu desenvolvimento.

Enquanto o desenvolvimento potencial se refere àquilo que a criança pode fazer, porém com a ajuda de outras pessoas mais experientes. Neste caso a criança realiza a tarefa por meio da imitação, do diálogo, da colaboração, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são fornecidas. Por exemplo, uma criança de cinco anos pode não conseguir sozinha montar

um quebra-cabeças, mas com a ajuda de seu irmão mais velho pode ter êxito. Este nível é, para Vygotsky (1984), bem mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que ela consegue realizar sozinha.

A distância entre aquilo que a criança pode realizar sozinha - o desenvolvimento real, e aquilo que ainda precisa de ajuda para conseguir êxito - o desenvolvimento potencial, é o que Vygotsky (1984) chama de “zona de desenvolvimento potencial ou proximal”. Nas palavras dele “Aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã - ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” ( p. 98).

Brincar junto reforça os laços afetivos e a criança adora brincar com os pais, avós, babás enfim, com os adultos que a cercam. A participação do adulto na brincadeira da criança eleva o nível de interesse da mesma, além de fazer com que ela se sinta prestigiada. Brincar é vital para a criança se desenvolver naturalmente e sem traumas e o período da infância é curto, portanto os pais e professores que educam suas crianças devem estar atentos para este desenvolvimento, cuidando para que ele seja o mais rico possível. Assim as possibilidades dessa criança ser um adulto independente, saudável e equilibrado irão acompanhá-la durante todo o processo de crescimento e desenvolvimento.

Piaget apud Coll (2004) entende de forma semelhante a importância do outro no processo de desenvolvimento da criança quando destaca que

Os professores podem guiá-las proporcionando-lhes os materiais apropriados mais o essencial é que, para que uma criança entenda, deve construir ela mesma, deve reinventar. Cada vez que ensinamos algo a uma criança estamos impedindo que ela descubra por si mesma. Por outro lado, aquilo que permitimos que descubra por si mesma, permanecerá com ela. (PIAGET apud COLL, 2004)

## **CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO MUSICAL E MUSICOTERAPIA**

A educação se propõe a orientar sistematicamente o desenvolvimento humano dos indivíduos. Assim como a reeducação e a terapia educacional tratam de atuar positivamente nos casos de perturbações ou desvios de conduta típicos dos indivíduos sadios.

A música movimenta, mobiliza, e por isso contribui para a transformação e desenvolvimento. Existem muitas formas de usar a música no cotidiano, em celebrações ou rituais religiosos, de maneira formal ou informalmente. Veremos aqui apenas duas formas de educação ou reeducação, ou ainda recuperação, realizadas através de atividades musicais: a educação musical infantil e a musicoterapia para crianças.

### **2.1 MUSICALIZAÇÃO INFANTIL**

A educação musical ou musicalização infantil, é uma forma de direcionar o aprendizado dos pilares da música, como o ritmo, a melodia, a forma ou o andamento. Nas aulas a criança aprende noções gerais de música, tanto de maneira prática quanto na teoria - em algumas instituições, mas sempre por meio de atividades lúdicas, utilizando-se o repertório folclórico e o cancionário popular brasileiros. Assim, a aula de musicalização tem como objetivo não somente ensinar música como também resgatar o folclore brasileiro, principalmente. Porém, o objetivo principal do curso de musicalização infantil é desenvolver, na criança, o prazer de fazer e ouvir música (Feres, 1998)

A iniciação musical pode ser feita com bebês, por volta dos oito meses, quando estão se sentando e podem fazer mais movimentos sem ajuda do adulto. Há objetivos específicos para

esta fase da criança. As aulas acontecem na presença da mãe ou do adulto que cuida do bebê. Também podem acontecer em creches, e então quem acompanha é a pessoa que cuida dos bebês na instituição.

No caso das aulas para bebês, os objetivos são estimular maior ligação afetiva entre mãe ou adulto que cuida e o bebê, estimular o canto e a fala, ensinar a criança a respeitar regras e conhecer limites, por meio das brincadeiras e atividades lúdicas. Além de desenvolver a musicalidade, a sensibilidade, a percepção auditiva, também ajuda o desenvolvimento da psicomotricidade, o senso rítmico e a sociabilidade, já que as aulas são em grupo. As aulas proporcionam à mãe repertório para ela cantar e brincar com o filho, estreitando laços e fornecendo modelos de interação musical.

A criança, aos oito meses, já conhece as pessoas que convivem com ela, tem capacidade de usar simultaneamente mãos e olhos, facilitando algumas brincadeiras musicais onde ela olha para o adulto e imita os movimentos das mãos. Para tanto, usa-se movimentos de mãos e cabeça, pois o bebê nesta fase ainda não sabe andar.

Aos oito meses, o bebê tem medo de estranhos, e parece ficar incomodado com a presença de outros bebês, uma vez que seu universo é extremamente egocêntrico. Já pode bater palmas e segurar objetos, e então as atividades podem incluir instrumentos de percussão, sempre procurando pensar na segurança do bebê, que leva tudo à boca. Novas perspectivas e sons atraem o bebê, assim como novas atividades. Ele é curioso e gosta de novas experiências, devendo ser muito estimulado a isso (Feres, 1998).

## **2.2 PARTES DA AULA**

A aula de musicalização infantil é dividida em partes, cada uma com objetivos específicos, como trazer o aluno para um determinado contexto, despertar seu interesse por determinados assuntos ou atividades, relaxar a criança para chegar ao fim da aula, entre outros.

A seguir um exemplo, segundo Feres (1998), de como uma aula de música para crianças pode ser dividida. Neste caso a aula é direcionada a crianças pequenas, entre 0 e 3 anos. Como mencionado anteriormente, bebês geralmente iniciam as aulas a partir dos oito meses de idade quando, segundo a autora, começam a ter horários mais definidos e fica então mais fácil para as mães ou responsáveis programar-se para realizar este tipo de atividade. Porém, não há uma idade limite para que o bebê possa iniciar a musicalização infantil. A autora divide a aula em oito partes: o brinquedo livre; o canto de entrada; a hora do canto; parlendas, rimas e brincadeiras musicais; marchas, danças e cirandas; conjunto de percussão; relaxamento e canto de despedida.

1. Brinquedo livre: é um momento muito importante no início da aula, onde os bebês brincam livremente e vão explorando os sons, o espaço, tudo sem interferência do adulto. Porém, antes de iniciar a aula efetivamente, eles aprendem o sentido de ordem, ao guardar tudo de volta ao seu lugar.

2. Canto de entrada: sempre se começa a aula com um canto de boas vindas, e ele é sempre repetido em todas as aulas inclusive, como referência de que a aula vai começar.

Um exemplo de canto de entrada:

Alô, bom dia! (Josette S. M. Feres)

Alô, “Fernanda”

Bom dia , “Fernanda”

Que bom que você veio

Gosto muito de você

3. Hora do canto: aqui são trabalhados expressão corporal, percussão corporal, brinquedo projetivo, movimentos com e sem locomoção e socialização. As canções escolhidas devem ser curtas e simples, de fácil vocabulário. O adulto deve cantar sempre que possível olhando para o bebê, que vai assimilando aos poucos o vocabulário e o som, e gradativamente vai cantando as últimas sílabas de cada frase, até que aprende a cantar a música. A expressão corporal é muito importante para o bebê, pois até que aprenda a falar essa será sua melhor forma de comunicação. A percussão corporal é muito bem recebida pelos bebês, que adoram bater palmas, fazer barulhos imitando bichos ou objetos como carro, e assim vai exercitando os músculos faciais, que serão usados futuramente na fala. O brinquedo projetivo é muito usado pela criança quando está brincando sozinha, mas no caso da aula existe um momento em que a mãe realiza uma atividade com o bebê e depois este realiza a mesma atividade com outro objeto, como um boneco. Assim troca de papel com a mãe: ele passa a ser o adulto e o brinquedo, o bebê. Os movimentos com ou sem locomoção auxiliam na percepção do ritmo da música, e sempre estão ligados a movimentos repetitivos para este fim. A música é uma grande aliada dos pais na hora de ensinar limites e regras, mas tudo de uma forma natural.

4. Parlendas, rimas e brincadeiras musicais: as parlendas são muito usadas para escolher jogadores, fazer cócegas, movimentos que desenvolvem a psicomotricidade. As crianças acompanham o ritmo com palmas ou dançando, rodopiando.

5. Marchas, danças e cirandas: as crianças só aprendem a realizar essas danças

quando maiores, e até então realizam estas atividades no colo do adulto. Algumas crianças não gostam de dar as mãos ou de participar no colo de um adulto desconhecido, e não se deve forçá-la a participar.

6. Conjunto de percussão: este momento da aula requer instrumentos musicais de percussão (chocalhos, tambores, etc), e músicas com o ritmo bastante acentuado. Os bebês acompanham como querem e não deve haver interferência, mas respeito à oportunidade da criança perceber a música livremente.

7. Relaxamento: muito valioso em todas as aulas, para encaminhar a criança para o fim da aula, dando tempo de todos se acalmarem, tanto bebês quanto adultos, depois de tanta energia gasta.

8. Canto de despedida: da mesma forma que o “Canto de entrada”, o de despedida também é uma referência de que a aula terminou, e deve ser sempre repetido ao fim do encontro.

Tchau (Josette S. M. Feres)

Tchau, tchau, tchau

A aulinha terminou

Tchau, tchau, tchau

Para casa agora eu vou

Tchau, tchau, tchau

Meus brinquedos guardarei

Tchau, tchau, tchau

Sexta-feira voltarei

### **2.3 O BRINQUEDO DE RODA**

Para NOVAES (1986), concordando com Vygotsky (1984), o brinquedo tem papel decisivo da preparação da criança para o mundo adulto, considerando seu papel sócio-disciplinador. A autora exemplifica descrevendo dois tipos de temperamento muito comuns: as crianças tímidas e as dominadoras. Enquanto as crianças tímidas muitas vezes se recusam a participar da brincadeira, as dominadoras tendem a querer sempre executar o papel principal, o de destaque, e ficam extremamente frustradas se não alcançam seu objetivo.

Portanto, uma criança tímida não deve ser forçada a nada e nem se deve impor qualquer situação para ela. Ao longo das aulas ela perceberá que as outras estão se divertindo e se interessará naturalmente, respeitando seu próprio tempo.

Enquanto à criança dominadora devem ser oferecidos brinquedos de ação conjunta, que permitam que ela aprenda a dividir e ser parte do grupo, e não apenas sempre o destaque. A tendência é que ela, ao ser substituída por outra criança em um papel de destaque, queira voltar a esse papel e, não sendo acatada, pode se revoltar e abandonar o grupo, irritada. A melhor atitude do professor nesta situação é não lhe dar atenção, deixando-a perceber que as outras crianças continuam a se divertir sem sentir sua falta. Então a atração da atividade será

maior do que sua mágoa e, aos poucos ela tenderá a retornar à brincadeira espontaneamente. Desta forma, a criança dominadora, ou prepotente, aprende a refrear seus impulsos e a respeitar as regras do brinquedo (Novaes, 1986).

### **2.4 MUSICOTERAPIA**

A música, segundo Benenzon (1985), possui efeito mobilizador no ser humano, facilitando no indivíduo as mudanças internas, por meio da subjetividade própria da linguagem musical. Uma das maneiras de se utilizar a música como ferramenta de transformação é a musicoterapia, que será apresentada a seguir.

A ligação entre música e medicina existe há muitos anos. Artefatos de civilizações antigas assim como referências bíblicas sugerem que a música era considerada uma influência poderosa para a saúde física e o bem-estar. Também, nos escritos históricos dos egípcios, dos chineses, indianos, gregos e romanos, descrevem a música como meio de cura (GREER, 2009, p. 2).

No final da Segunda Guerra Mundial, músicos profissionais e amadores foram aos hospitais de veteranos para tocar para os feridos, tanto físico como emocionalmente. Com o passar do tempo, médicos e enfermeiros observaram uma melhora dos feridos de guerra, do ponto de vista psicológico, fisiológico, emocional e cognitivo. Os veteranos participavam passiva ou ativamente dos momentos musicais e a resposta sempre era positiva. O Hospital de Veteranos norte-americano passou então, a contratar músicos para desenvolver atividades com os pacientes e logo a profissão começou a se consolidar. As Universidades, por outro lado, contribuíram com cursos de treinamento para músicos, com o intuito de prepará-los para utilizar a música com funções terapêuticas.

O primeiro curso acadêmico de Musicoterapia foi criado em 1919, nos Estados Unidos.

Os musicoterapeutas que trabalharam com veteranos, deficientes visuais e auditivos, deficientes mentais e pacientes psiquiátricos fundaram, em 1950, a Associação Nacional para Musicoterapia (ANMT). Em 1998, a ANMT se uniu a outras organizações de musicoterapia para fundar a AMTA – Associação de Musicoterapia das Américas. Em 1968, no Rio de Janeiro, foi fundada a primeira Associação de Musicoterapia brasileira. Em 1969, na Faculdade de Educação Musical do Paraná, Clotilde Espínola Leinig ajudou a implementar a

Musicoterapia como curso de especialização *Lato Sensu* (MESSAGI, 1997). O curso depois passou por reformulações até ser transformado em graduação em 1983.. Hoje, além do Paraná, existem outros estados oferecendo cursos de graduação em Musicoterapia, como o Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Goiás (CUNHA, 1999).

A Musicoterapia é considerada uma especialidade paramédica jovem, porém com suficientes fundamentos científicos de ordem clínico-terapêutica, que permitem estabelecer claramente uma metodologia de trabalho e uma série de técnicas capazes de serem desenvolvidas (Benenzon, 1985). O plano educativo terapêutico deve ter a participação de uma equipe interdisciplinar, onde devem trabalhar, lado a lado, musicoterapeutas, terapeutas ocupacionais, educadores, médicos, psicólogos, sociólogos e demais especialistas. É uma forma de unir forças com outros profissionais da saúde para uma melhor qualidade de vida do paciente ou uma recuperação mais rápida, ou ainda, uma melhor aceitação da morte, quando não há outra solução, entre outros objetivos, pode-se destacar que

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, a fim de atender às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e restabelecer funções do indivíduo para que ele/a possa alcançar uma melhor integração intra e interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida pela prevenção, reabilitação ou tratamento. (BRUSCIA, 2000)

A definição científica de musicoterapia é

uma ocupação científica que se ocupa do estudo e investigação do complexo som\ser humano, seja o som musical ou não, tendente a buscar os elementos diagnósticos e os métodos terapêuticos do mesmo (BENZON, 1985, p. 64)

Do ponto de vista terapêutico, Benenzon (1985) entende a musicoterapia como

uma disciplina paramédica que utiliza o som, a

música e o movimento para produzir efeitos regressivos e abrir canais de comunicação, com o objetivo de empreender através deles o processo de treinamento e recuperação do paciente para a sociedade (BENZON, 1985, p. 64)

Em sua teoria, o autor define fundamentos da musicoterapia em setores, como biologia do som e a psicologia do som.

## **2.5 BIOLOGIA DO SOM**

A biologia do som diz respeito aos efeitos do som no corpo humano, à resposta do organismo aos estímulos sonoros. Estes estímulos provocam diversas reações fisiológicas no corpo humano, como alterações nas frequências cardíaca ou respiratória. A música pode acalmar, relaxar, bem como estimular, despertar a atenção. Benenzon (1985) apresenta os aspectos da biologia do som, em relação ao corpo humano, da seguinte forma:

1. Elementos produtores de estímulos sonoros - natureza, corpo humano, instrumentos musicais, entre outros
2. Estímulos - percepção interna de ruídos intestinais, batimentos cardíacos, sons rítmicos, melódicos, harmônicos, eletrônicos, palavras, ruídos, ultra-sons, infra-sons
3. Sistemas auditivo, tátil, visual e de percepção interna
4. Sistema nervoso - cérebro, tálamo, bulbo, medula
5. Resposta - motriz, sensitiva, orgânica, conduta, comunicação, grito, pranto, canto, dança, voz, gestos.

Num breve resumo dos efeitos biológicos da música no ser humano, de acordo com Benenzon (1985), conclui-se que, segundo o ritmo, pode aumentar ou diminuir a energia muscular, e no aspecto geral pode acelerar ou alterar a regularidade da respiração, produz um efeito marcado, porém sujeito a variações, na pulsação, pressão sanguínea e função

endócrina, diminui o impacto dos estímulos sensoriais de diferentes modos, tende a diminuir a fadiga ou a retardá-la, e portanto ajuda no tônus muscular, aumenta a atividade voluntária, como escrever à máquina, e incrementa a extensão dos reflexos musculares empregados em atividades que exigem motricidade grossa. A música também pode produzir efeitos como alterações nos traçados elétricos do organismo e ainda é capaz de provocar mudanças no metabolismo e na biossíntese de vários procedimentos enzimáticos.

## **2.6 PSICOLOGIA DO SOM**

A música é raramente levada em consideração em pesquisas de Psicologia, talvez porque não represente em si objetos do mundo exterior, e são estes objetos e suas mútuas relações o que constitui o ponto central da Psicanálise. Porém a psicologia do som faz parte de um dos mais importantes fundamentos da musicoterapia. Benenzon (1985) parte da premissa de que a partir do instante em que o bebê é gerado, já começa a entrar em contato com os batimentos cardíacos da mãe, com elementos do complexo não-verbal.

Muitos destes estímulos da mãe, sejam eles internos ou externos, farão parte do engrama mnêmico do bebê em gestação. Entende-se por engrama mnêmico um traço relativo à memória que fica gravado no cérebro e que ajudará o indivíduo a fazer associações no futuro. No engrama mnêmico estariam as informações genéticas herdadas, o acervo folclórico correspondente à vida de seus antepassados, meio cultural etc.

Benenzon (1985) exemplifica o efeito regressivo do som em seus pacientes, entre eles psicóticos, síndromes de Down, autistas e outros distúrbios. Através da análise dos casos vai

tecendo sua linha de pensamento e afirma que o som pode nos transportar à vida intra-uterina.

O som pode provocar inúmeras reações no corpo humano. Um som repentino geralmente nos informa um sinal de perigo, causando o tremor súbito que conhecemos como susto. Mas não só os sons repentinos provocam medo. Sons monótonos, contínuos e repetidos aumentam a tensão, assim com o som de uma sirene causa ansiedade. Por isso é utilizada nas guerras, em ambulâncias, polícia, bombeiros. É um mecanismo de defesa, pois nos deixa em estado de alerta. Há muitas associações como, por exemplo, para o bebê a voz da mãe é uma lembrança de ser cuidado, alimentado e o som de um acalanto o momento de sonolência após o alimento.

O balanço de ninar o bebê pode preceder o prazer de dançar ou até mesmo estabelecer padrões rítmicos. A música como experiência em grupo pode aliviar o medo de estar só de um solista, e a música é essencialmente uma experiência em grupo, segundo o autor.

A música também pode representar defesa contra medos e paranóias. Quando alguém caminha sozinho por uma rua escura e começa a assoviar para se distrair ou criar uma ilusão de grupo, destrói a sensação de solidão e assim acalma a ansiedade gerada por ela.

Em seu livro *A história dos instrumentos musicais*, Sachs (1942) afirma que os instrumentos de guerra mais primitivos eram representações da figura materna. Como exemplo existem o tambor, o tambor de fenda e o tambor de tábua. O tambor de fenda era chamado de mãe pelos habitantes da Oceania, de acordo com as Novas Hébridas. Eles viam o tronco escavado como um ventre feminino, a fenda como uma vulva e o coito na ação de golpear.

Willems apud Gainza (1988, p. 36) afirma que cada aspecto da música corresponde a um determinado aspecto do comportamento humano. Por exemplo, a melodia corresponde à afetividade, o ritmo induz ao movimento corporal e aspectos que estruturam a música, como

forma e harmonia, estão diretamente ligados à afirmação ou a reorganização mental humanas. Concordando com Benenzon (1985), o autor afirma que o poder mobilizador da música constitui a base da terapia musical, conhecida como musicoterapia.

## **2.7 A MÚSICA NA PERCEPÇÃO DA DOR**

A dor crônica é um problema que ataca milhões de pessoas em todo o mundo. Além de ser causadora de sofrimento físico e psicológico, a dor crônica é muito dispendiosa para a economia de um país, que precisa investir quantias imensas para realizar tratamentos destinados a este problema. Com tantas pessoas vivendo em meio à dor, musicoterapeutas trabalham em muitos de ambientes – de hospitais à prisões, passando por clínicas psiquiátricas, centros de reabilitação, asilos, reformatórios, escolas e organizações não-governamentais, para minimizar esse estado e trazer algum tipo de benefício aos pacientes.

Não existe, segundo Greer (2009), um grupo específico de pessoas que devem procurar a ajuda da musicoterapia. Crianças, adultos e idosos portadores de deficiências físicas, mentais, problemas de desenvolvimento e até mulheres em trabalho de parto, podem se beneficiar da musicoterapia. Apesar da maioria das pesquisas sobre a relação música-dor ser voltada para a recuperação pós-cirúrgica, Greer (2009) define as vantagens da musicoterapia como grande aliada no tratamento da dor crônica pois, segundo ele:

- música é distração, ou seja, tira a atenção da dor para a própria música ou atividade musical;

- tocar ou cantar pode trazer ao paciente um senso de controle;

- o prazer de tocar ou cantar, e até mesmo de ouvir música, libera endorfinas e ameniza a dor física;

- música tranqüila relaxa o paciente, diminuindo sua frequência cardíaca e controlando a respiração.

Em pesquisas baseadas nessas quatro perspectivas de Greer (2009), chega-se ao fato de que a música diminui náuseas e dores causadas pelo tratamento de câncer, devido ao fato de que a prática musical, ativa ou passiva, distrai o paciente e tira o foco da dor, transferindo-o para a atividade musical. Também de acordo com as pesquisas da autora, crianças que precisam de transplante de medula óssea e participaram de algum tratamento com musicoterapia, absorvem e se adaptam à nova medula mais rapidamente do que as que não participaram.

Dessa forma, cada profissional, dentro da sua área de atuação, percebe a importância da música na vida das pessoas. No próximo capítulo vamos conhecer um pouco como profissionais da psicologia, da educação musical e da musicoterapia percebem o desenvolvimento da criança.

### **CAPÍTULO 3: PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA, DA EDUCAÇÃO MUSICAL E DA MUSICOTERAPIA – ENTREVISTAS**

O objetivo principal das entrevistas realizadas nessa pesquisa é, principalmente, promover um diálogo entre teoria e prática. Após entender um pouco o processo de desenvolvimento infantil e como a música é inserida nesse contexto, com base em teorias

científicas, esse capítulo apresenta a visão de três profissionais das áreas relacionadas ao tema – psicologia, educação musical e musicoterapia, que quando entrevistados mostram os aspectos da teoria vividos na prática e realizando, assim o diálogo proposto.

## **1ª Entrevista: Musicalização infantil**

**Professor L. C. N.**

### **1. Como você percebe a música no desenvolvimento da criança?**

Em primeiro lugar, é necessário reconhecer que o aprendizado da música (para a criança e para o adulto) ocorre como um feixe, um rizoma, algo que é singular e, ao mesmo tempo, plural. É como se uma esfera sempre encontrasse a outra, assim como a vibração do som ultrapassa sempre os limites do espaço imediato onde está a fonte sonora que a produz para alcançar algo que está relativamente afastado (não vemos algo que está atrás da parede, mas podemos ouvir este algo se ele produzir som).

Como um objetivo “em si mesmo”, o aprendizado pode visar a musicalização e o aprimoramento da escuta, os aprendizados vocal, instrumental, da leitura e escrita, da história da música, etc. Contudo, mesmo aqui o aprendizado já é algo plural, pois ao aprender, por exemplo, a canção “Brilha, brilha estrelinha”, no violão, violino ou piano, a criança sentirá, provavelmente, a necessidade de cantar e se o professor quiser trabalhar a representação gráfica da melodia desta canção, a criança talvez queira se movimentar e criar uma teatralização para aquela estrela, frequentemente associando-a a estados de espírito (“é uma estrela feliz ou triste, alegre, com fome,” etc.) e a cenários (“ela está no céu ou na praia junto com a minha amiga”) e a histórias que podem ser, inclusive, sonorizadas. Estas histórias espelham a própria vida da criança e de certa forma podem reverberar no sentido oposto,

influenciando e modificando a vida da criança, pois não podemos perder de vista que o aprendizado da música é um processo de socialização. Assim, a escrita musical para uma criança, especialmente para crianças pequenas, na faixa de 4 a 6, 7 anos, está misturada com o desenho e o grafismo e a movimentação corporal. As semínimas podem facilmente virar pássaros e as semibreves, bolas gordas. Os movimentos melódicos indicam não apenas a direção grave-aguda das notas, mas movimentos imaginários de personagens fantásticos ou reais, familiares. Para a criança, a faculdade sinestésica e a fantasia produzem representações que ultrapassam e enriquecem a lógica estrita do assim chamado “mundo adulto”. Neste sentido, temos muito a aprender com nossos alunos crianças e é um aprendizado muito necessário, vital e indispensável. Você pode notar inclusive que na música contemporânea estão presentes os grafismos e a escrita não convencional, assim como os processos aleatórios de improvisação e a abertura para outras linguagens, como o teatro e a dança, por exemplo. Tudo isso está presente na expressão infantil, talvez porque a criatividade das crianças faça delas compositoras e os compositores adultos, por sua vez, tenham sido e sejam ainda, parcialmente, crianças. No rizoma da educação musical os tempos e espaços e sujeitos professor-aluno, indivíduo-sociedade se confundem como uma vibração sonora que ultrapassa a parede e alcança o quarto ao lado.

Em uma dimensão mais ampla, o aprendizado musical está incluído no aprendizado mesmo da vida, dos processos de socialização e no desenvolvimento de faculdades cognitivas e sensoriais, de inteligências múltiplas. Deixarei para falar sobre isso na resposta a seguir.

## **2. Você acha que a música pode ser uma aliada do processo de desenvolvimento?**

Antes de responder a esta pergunta, creio ser importante perguntar o porquê deste tipo de pergunta, tão freqüente nos cursos de licenciatura e de educação musical. Isto é, porque há

a necessidade de saber se a música pode servir como aliada do processo de desenvolvimento? Sem querer me alongar muito, acho que esta pergunta está embasada num contexto filosófico importante que fundamenta a própria civilização ocidental e alimenta uma desconfiança profunda com o mundo das artes. Os primeiros tradutores de Platão nos séculos iniciais da cristandade associaram as artes às sombras da caverna (da famosa alegoria da caverna, no livro da República), mas não atribuíram às artes a mesma capacidade educativa que, em outros trechos da República, Platão a elas conferia. A música, afirma Platão, pode infundir o bem no coração do ser humano, tendo por isso um lugar muito importante no projeto educacional do filósofo grego. Os tradutores ocidentais parecem ter enfatizado, entretanto, a condenação platônica às artes como “formas das sombras” confundidas com a ilusão da caverna que só a razão poderia dissipar. Aí se apresenta uma primeira desconfiança com as artes, desconfiança esta que está na base do conhecimento ocidental até hoje. Esta desconfiança foi aumentada quando na Renascença o livro da Poética, de Aristóteles, foi descoberto e o conceito aristotélico de mimeses foi traduzido, erradamente, como imitatio, ou imitação.

A imaginação, por sua vez, foi associada à memória, desvirtuando o sentido que Aristóteles atribuía às Artes como produtos da fantasia. Pois, e esta é a diferença fundamental, a fantasia cria mesmo o que o artista não viu, enquanto que a imaginação apenas reproduz as imagens a partir do estoque da memória. Desta forma, o ocidente cristão condenou duplamente as artes associando-as primeiramente a mentira e, em segundo lugar, a imitação reprodutora. Ora, impetrou-se desta maneira uma violência não apenas para com o pensamento de Platão e de Aristóteles, mas também com relação ao próprio Ocidente que dali em diante passou a se perguntar: para que as Artes servem? E aqui volto à pergunta formulada nesta entrevista.

A música é uma aliada do desenvolvimento do ser humano na mesma medida que ela infunde ou faz surgir determinadas qualidades no ser humano (num sentido platônico), e é produto da fantasia (do ponto de vista aristotélico), isto é, de uma faculdade não reprodutora, que cria coisas novas. Para a criança a música é uma ferramenta inestimável para o desenvolvimento cognitivo, sensitivo, motor e sua socialização. Através da música a criança percebe a si mesma, seu corpo, sua vida, sua família, seu grupo social. Através da música, a criança organiza suas percepções, adquire consciência de si mesma, daquilo que lhe é prazeroso ou desagradável e gradativamente passa a tomar decisões que afetam a sua vida e o seu entorno. A música, como algo que está associado à fantasia – e não à mera imitação (!) – tem uma importância vital para a criança na medida em que é esta fantasia que irá conduzir a criança a uma primeira auto-imagem separada da imagem dos pais e da família e do grupo social. Isto é, é a fantasia uma primeira maneira através da qual a criança se torna um indivíduo e a importância da música neste sentido é incomensurável.

### **3. A criança costuma se interessar por todas as atividades musicais propostas?**

Não. A educação musical com crianças exige do professor muito jogo de cintura, sensibilidade e criatividade – e, às vezes, paciência. Algumas atividades propostas encontram mesmo muita resistência nas crianças. Cabe ao professor criar variantes, brincadeiras e jogos para driblar esta resistência para fazer da aula algo prazeroso, no fim das contas. Aquele professor que permanecer irredutível e que usar de repressão será sempre preterido a outro, mais maleável e aberto ao diálogo. Isto não quer dizer em absoluto que devemos como professores fazer sempre o que a criança quer, pois às vezes isto pode significar a repetição de situações que não levam ao aprendizado. Lembro-me neste sentido de uma aluna que tive,

com seus 4 anos de idade, que queria muitas vezes fazer de nossa aula de violão uma mera aula de desenho... O meu trabalho foi o de aproveitar seu “talento” gráfico e trazê-lo para a música, criando partituras não convencionais, histórias desenhadas e sonorizadas. Os resultados foram promissores, acredito, ela chegou, inclusive, a realizar ditados e leituras rítmicas utilizando a prosódia de seu próprio nome e o de suas amigas e parentes. Com esta aluna aprendi que a leitura musical pode sim ser trabalhada até com crianças bem pequenas, desde que de forma criativa e lúdica. De certa forma, a leitura resultou de um desejo da própria aluna em se desenvolver e aprender algo que, por um lado, lhe dava prazer e, por outro lado, significava o domínio de um código pertencente ao mundo adulto, cujo aprendizado lhe facultava a sua entrada, o que lhe proporcionava certo orgulho de si mesma... Acho que também contava um pouco neste processo a expectativa dos pais desta aluna. Eram um casal de franceses que de fato parecia fazer questão de que a filha não fosse “somente musicalizada”, mas que aprendesse, ainda, a leitura musical convencional. Eu tive que negociar com os interesses dos pais, os meus e o da própria aluna, mas gostei do resultado.

#### **4. Você acredita que exista uma forma específica de usar a música no processo de desenvolvimento da criança, na primeira infância?**

Se com “forma específica” você quer dizer um método de ensino em particular, acho que o melhor seria o professor considerar a possibilidade de trabalhar com elementos de diversos métodos, de acordo com o perfil individual de seus alunos. Suzuki, Orff, Dalcroze, Kodaly, Schaefer, Oficinas de música, O Passo, metodologias de ensino não-formal, etc. são algumas das possibilidades que existem e podem potencialmente ser utilizadas por um professor. O principal não será exatamente o método escolhido, embora isto também tenha a

sua importância, mas alguns princípios gerais que deverão ser seguidos pelo professor em seu dia-a-dia. Não é fácil estabelecer cartesianamente estes princípios, mas é evidente que é indispensável que, aliado ao conhecimento técnico de métodos de educação, o professor seja criativo no uso destes métodos, utilizando-os de maneira afetuosa e, ao mesmo tempo, objetiva e conseqüente, tentando desenvolver, ainda, um senso de observação apurado dirigido a si mesmo e aos alunos. Não é uma equação simples, de maneira nenhuma, antes é um ofício para uma vida inteira que requer muito estudo e dedicação (neste sentido, é necessário observar que se o professor fosse valorizado financeiramente como ele merece, seria um profissional com uma remuneração bastante alta...). A aplicação dos princípios estabelecidos por Paulo Freire (o diálogo com o aluno) e por Piaget (a construção do conhecimento) me são especialmente caros.

**5. Você acha que qualquer criança pode se beneficiar da música para se desenvolver melhor? Por quê?**

Sim, porque o aprendizado da música não depende de dom inato ou de qualquer sensibilidade especial. Inclusive, o aprendizado da música pode ter como conseqüência a formação de ouvintes, de pessoas que sabem apreciar com atenção, sensibilidade e criatividade não apenas a música, mas o mundo sonoro a sua volta. Quero dizer com isso que a educação musical não está voltada apenas para a formação de cantores ou instrumentistas. Isto é uma visão muito limitada e limitadora das potencialidades educativas da música. A música é, como eu disse no início desta entrevista, algo plural, multissêmico, pluri-dimensional, engloba o som, a história, a psicologia, a ciência e todas as demais áreas de conhecimento. Neste sentido, o problema da educação musical é antes o professor do que a criança. Embora eu seja obrigado a reconhecer que a formação dos professores tem, de forma

geral, melhorado, com a introdução de princípios pedagógicos inovadores (Paulo Freire, Piaget, Vygostky, Frenet, etc.) e dos assim chamados métodos ativos de educação musical, entretanto ainda há muito que melhorar. Veja bem, o cânone da educação musical ocidental, que vigora ainda hoje, foi construído a partir de um modelo excludente e preconceituoso: obras eruditas, compostas quase exclusivamente por homens, europeus, brancos, num determinado período histórico (clássico-romântico). Que coisa absurda! Estão fora deste cânone adotado pelas escolas, conservatórios e faculdades atuais de música as músicas populares e étnicas do mundo, compostas e interpretadas por homens e mulheres de todas as cores de pele, ao longo da história da humanidade... (ver o texto *The canons in the musicological toolbox*, Don Michael Randel[1]) O modelo de criança deste cânone absurdo é o menino Mozart, capaz de compor sinfonias desde cedo e de tocar piano melhor do que muitos adultos. Bem, o que não se fala é que este “gênio precoce” apanhou muito e foi moldado violentamente por seu pai para se tornar o que, a duras penas, acabou se tornando. Não se fala também que esta ação paterna neurótica teve conseqüências muito graves na formação e no desenvolvimento da personalidade do “divino Amadeus”, o que é comprovado no livro *A sociologia de um gênio*, de Norbert Elias. É necessário questionar este cânone doentio que ainda norteia as licenciaturas e faculdades de música no Brasil e no Ocidente e abrir espaço para as mulheres, os homossexuais, os negros, os índios, para a improvisação, para a música popular, étnica e para a música contemporânea erudita, para a música dos computadores e para os batuques, etc.

As crianças estão aí, mas onde estão os professores com uma nova visão de educação musical?

## **6. A criança que não tem vivência musical tem um desenvolvimento diferente?**

Para responder a esta pergunta de maneira mais completa seria necessário ter acesso aos dados produzidos por estudos comparativos que eu não sei nem se foram realizados. O que eu posso afirmar pela minha observação é que, aparentemente, as crianças que são educadas musicalmente de uma maneira criativa e conseqüente têm as áreas cognitiva, emocional e sensorial conectadas e mais equilibradas do que uma criança que não teve a oportunidade de passar pelo mesmo processo de educação musical.

### **7. Os bebês também podem se beneficiar da música de alguma forma? Como?**

Acredito que os bebês fazem música cantando (lalandando), enquanto dançam e se movimentam corporalmente. A dificuldade está em os adultos e os professores reconhecerem como sendo musicais estas expressões criativas infantis. Assim, para trabalhar musicalmente com bebês é necessário que os adultos educadores sejam, eles mesmos, educados e passem a aprender com os bebês uma nova linguagem, estabelecendo assim uma comunicação e compartilhando alguns códigos comuns. Por outro lado, isto não significa totalmente que os adultos devam apenas aprender a linguagem gugu-dadá, embora este aprendizado seja realmente necessário em algum nível (o que é, a meu ver, muito interessante e divertido...). O professor pode colocar músicas para o bebê apreciar, cantar para ele (ou junto com ele). Pode contar histórias e divertir-se com a musicalidade da voz falada. Enfim, o campo de atuação é muito amplo. (Ver a título de curiosidade, a música “Bebê”, de Hermeto Pascoal. Esta música foi feita a partir do lalar de uma criança nas notas mi-fá, gerando um motivo rítmico-melódico que o compositor utilizou em toda a composição).

### **8. Qual o papel da educação musical para as crianças que apresentam algum problema de desenvolvimento?**

Acredito que esta pergunta já foi parcialmente respondida antes, mas eu poderia acrescentar trazendo a questão para a realidade brasileira e considerando principalmente o contexto das crianças oriundas dos segmentos populacionais menos favorecidos economicamente. Como o filme *Contratempo*, de Malu Mader, demonstra, a música tem um poder socializador inestimável, aumenta a auto-estima, e cria perspectivas pessoais e profissionais importantes (por causa da fantasia a ela associada, que faz com que criemos coisas novas, de maneira não reprodutora). A educação musical pode se tornar, no Brasil, algo associado à vida, à sobrevivência das crianças pobres, uma alternativa ao tráfico, ao crime, a marginalidade. Se bem desenvolvida acredito que a educação musical poderia reduzir as mortes de jovens, ao mesmo tempo em que ampliaria o campo de experiências e a capacidade crítica dos alunos. Afinal, desde antes de Platão e Aristóteles que a educação artística e musical demonstrou ter um poder grande no desenvolvimento do ser humano, da criança ao idoso, sem distinção

## **2a Entrevista: Musicoterapia**

### **Musicoterapeuta A. F.**

#### **1. Como você percebe a música no desenvolvimento da criança?**

A música é uma linguagem que faz parte do nosso cotidiano, capaz de nos alegrar, de nos entristecer, capaz de nos acalmar, de nos agitar, ajuda a gente a brincar, ela socializa e organiza o ser humano e com o desenvolvimento da criança não é diferente, pois a música faz parte de seu mundo, a música ajuda a criança a compreender o mundo, o outro, as coisas, a somar, a criar, a sentir, a expressar um sentimento de raiva, de alegria, de tristeza. A música é

uma linguagem não ameaçadora para a criança e só vem contribuir para seu desenvolvimento.

**2. Você acha que a música pode ser uma aliada do processo de desenvolvimento?**

Sim, a música faz parte do nosso processo de desenvolvimento, nós já passamos pela experiência de criança – adolescente – adulto, e a música, os sons nos acompanham desde a fase intra-uterina, os sons externos e internos, os sons da casa, as músicas que nossos pais escutam, os sons que nos agradam e nos desagradam, as músicas da TV(filmes, propagandas, novelas), do rádio, do computador, assim que vamos crescendo e fazendo a nossa história como pessoas paralelamente vamos fazendo a nossa história sonora-musical.

**3. A criança costuma se interessar por todas as atividades musicais propostas?**

Depende da dinâmica. Na Musicoterapia as sessões e o processo com cada paciente são únicos e cabe exclusivamente a ele escolher, trazer para o setting músicas, ações de tocar, escolher o instrumental sonoro, cabe a ele. Então, são músicas, sons da história dele, que lhe agradam ou que lhe desagradam, mas muito do que ele traz, ao mesmo tempo descobrem sons que nunca haviam escutado através de CDs, através de algum instrumental sonoro e que sim podem tanto agradar como desagradar.

Agora, com bebês, onde temos que tratar através da estimulação sonora-musical, como musicoterapeuta na entrevista a família conta a história musical da casa, o que costumam escutar e que agrada ou não ao bebê, o trabalho gira entorno destas informações e outras possibilidades são oferecidas onde tanto podem como não podem o agradar, há uma descoberta durante o processo terapêutico deste bebê.

Já uma atividade de musicalização, se trata de atividades mais direcionadas, músicas para alcançar objetivos ligados a educação, são temas desenvolvidos e criados para também

despertar o interesse da criança e que dificilmente não tem como não agradar.

**4. Você acredita que existe uma forma específica de usar a música no processo de desenvolvimento da criança, na primeira infância?**

Eu vejo muito “o brincar musicalmente” como uma forma de você estar com a criança. Na musicoterapia a criança nos dá os caminhos para nos colocarmos como facilitadores para que ela se expresse e acabe se descobrindo neste mundo, nesta linguagem musical que é muito amplo. Há canções que em balam e outras que podem despertar o senso de humor da criança. O campo musical é muito vasto que se presta a todas as necessidades, todo e qualquer sentimento ou situação de vida, há canções que contam histórias, é um caminho rico e que ajuda e muito a criança em seu desenvolvimento como um todo – corporal, rítmico, cognitivo, memória, atenção, etc.

**5. Você acha que qualquer criança pode se beneficiar da música para se desenvolver melhor? Por que?**

Sim por tudo que já coloquei e também porque a música oferece possibilidades a criança de se expressar com mais facilidade, com mais prazer, ouvir, tocar é mexer com o prazer, o prazer de poder se comunicar através de uma linguagem que todos entendam. Se a criança estiver com raiva ela toca com raiva, ela grita a música, não tem muito com escapar. Clotilde Espínola Leinig, musicoterapeuta, coloca que “As respostas psicológicas a uma experiência musical estão na dependência da capacidade do ouvinte ou do executante para comunicar-se ou identificar-se com ela, o que não depende, necessariamente, da qualidade da música nem do nível da execução. A fantasia, as associações ou a expressão encontradas na

música, provém do que já existe no indivíduo, e como Hanslik e Dauriac, “ a música não cria, mas sim intensifica, como um ressoador, o que existe em cada um de nós”. Isso vale para a criança também.

**6. A criança que não tem vivência musical tem um desenvolvimento diferente?**

Hoje em dia não ter contato nenhum com música é muito difícil, como eu falei, ela faz parte de nosso cotidiano e querendo ou não invade nossas casas, nas ruas, nos ônibus, os sons nos invadem a toda hora, nós é que iremos selecionar o que nos agrada e descartar o que nos desagrada. É uma linguagem acessível ao nosso cérebro e que nos ajuda muito a entender o mundo.

**7. Qual o papel da musicoterapia para as crianças que apresentam algum problema de desenvolvimento?**

A Musicoterapia tem um papel importantíssimo, pois a música, os sons, os instrumentos musicais funcionaram como facilitadores em alcançar necessidades específicas para cada caso, para cada dificuldade e cabe ao musicoterapeuta a sensibilidade de facilitar o processo terapêutico de cada criança as suas reais necessidades. Não dá para generalizar, com cada criança o processo será diferente, pois somos diferentes. A Musicoterapia é uma abordagem infalível que estimula a participação, permite um aumento no campo da atenção, lida melhor com as frustrações e faz com que a realidade das dificuldades vá se tornando mais agradável e menos ameaçadora.

**3ª Entrevista: Psicologia**

**Psicóloga M. A.**

### **1. Como você percebe a música no desenvolvimento da criança?**

Considero a música um fenômeno multifacetado; ela atende a diversas finalidades, dependendo de cada contexto, provoca diversos estímulos, assume uma imensidão de ritmos e funções. Dessa forma, a música dependendo de como for inserida e significada no universo infantil, pode ser um elemento importante no desenvolvimento humano como um todo, já que o “simples” ato de “ouvir” música convoca e estimula várias dimensões da criança: cognitiva, sensorial, afetiva e psicomotora.

### **2. De que forma o estímulo da coordenação motora pode ajudar no desenvolvimento psicológico da criança?**

Existe uma perspectiva de fundo que orienta a minha prática profissional, bem como a minha visão de mundo como um todo. Assim, lançando um olhar holístico para o desenvolvimento humano, entendo que as várias dimensões da criança (cognitiva, social, sensorial, afetiva, psíquica, motora, etc) estão interligadas, uma influenciando a outra. No caso das dimensões motora e psíquica, entendo que a coordenação motora influencia questões importantes do “estar no mundo”, como equilíbrio, segurança, ritmo e etc, e considerando que esses são elementos essenciais para a sensação subjetiva (e concreta) de integração, vejo que ambas são elementos muito importantes na formação da criança. Fazendo uma relação com a música, entendo que a música convoca e estimula muitas vezes o movimento, o que faz dela um importante elemento no desenvolvimento motor, ao estimular a percepção rítmica e harmônica. Outro elemento importante é que ela pode ser inserida em um contexto de socialização, propiciando assim as trocas relacionais e fortalecendo o desenvolvimento psicológico-afetivo da criança.

**3. E as estruturas sociais e afetivas, podem ser beneficiadas pelo estímulo musical?**

Como foi dito anteriormente, ainda que a música importante no processo de socialização das crianças, a forma como a mesma será significada, bem como o tipo de música que será reconhecido e validado é muito singular na vida de cada criança. Dito de outra forma é como se anterior a música precisássemos levar em consideração a forma como a mesma é validada no contexto em que a criança vive; que importância é dada a ela? É certo que inicialmente esse contexto se restringe ao núcleo familiar e que posteriormente a criança amplia suas vias de socialização na escola, onde a mesma pode ser utilizada de diversas maneiras. Entendo que a música pode ser um recurso educativo importante usado em diversas atividades que propiciem a interação consigo, bem como com outras crianças e adultos, propiciando assim trocas sociais e afetivas. No entanto, não é a música por si só que pode facilitar essas trocas, é necessário outros elementos como o respeito, a disponibilidade, a empatia e outros, sendo a música apenas um deles.

**4. No campo da inteligência, os primeiros processos de desenvolvimento são definidos pela organização de esquemas, reações circulares, coordenações etc. Dentro deste âmbito você acredita que a música estimula o raciocínio? Você acha que ela atua como estímulo para a inteligência?**

Tendo em vista as contribuições de Piaget acerca do desenvolvimento de habilidades lógico-matemáticas e considerando que muitos teóricos relacionam a música à matemática, acredito que a música contribui para o desenvolvimento cognitivo de crianças.

## **CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DAS ENTREVISTAS**

### **4.1 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E AFETIVO**

Para Vygotsky (1985) e Beyer (1994), o desenvolvimento cognitivo não pode acontecer desvinculado dos aspectos sócio-afetivos, diferente de Piaget, que trata especialmente do desenvolvimento psicomotor, do ponto de vista da cognição.

O brincar é um fator extremamente imprescindível para o bom desenvolvimento cognitivo, psicomotor, sensório-motor, social e afetivo. Existem várias fases na infância de um ser humano, e em cada uma delas o brincar pontua o crescimento e o estimula a criança tanto psicologicamente, emocionalmente, quanto ao desenvolvimento motor. É fundamental que a criança experimente várias atividades lúdicas para realizar todas as etapas do desenvolvimento com êxito. Dos três profissionais entrevistados, todos concordam que é fundamental o convívio da criança com a brincadeira, e por meio da musicalização ou da musicoterapia ou simplesmente da vivência musical livre, seja ouvindo música sempre, praticando um instrumento, dançando etc. A música é uma forma de brincar, de criar, de sentir, imaginar, construir, fantasiar.

A subjetividade da música é o ponto de partida para a expressão, a comunicação da criança com o seu mundo, com outras crianças, com adultos e, principalmente, consigo mesma.

Porém, na terceira entrevista, com a psicóloga, ela ressaltou que, apesar de ser muito importante, a música não é o único elemento facilitador dos processos necessários ao desenvolvimento. São necessários outros elementos, como o respeito e a disponibilidade, a empatia, entre outros. A música é um desses elementos.

Conforme discutido no Capítulo 2, sobre musicoterapia, se destaca também a interdisciplinaridade e a , multidisciplinaridade. Ou seja, a musicoterapia está inserida num contexto plural, atuando em conjunto com outras terapias como a terapia ocupacional, a fonoaudiologia, a psicologia, a psiquiatria e a fisioterapia, etc., proporcionando ao paciente resultados mais consistentes e significativos.

Pode -se concluir, por meio da pesquisa bibliográfica e depois também por meio das entrevistas que a música é extremamente bem vinda e importante para o desenvolvimento infantil, sob todos os aspectos aqui pesquisados: cognitivo, social e afetivo.

Quanto ao desenvolvimento motor, a música estimula a construção de uma consciência corporal, a expressão corporal, ajuda a desenvolver a motricidade grossa e depois, a coordenação motora fina, que são regidas pelas leis próximo-distal e céfalo- caudal.

Nas entrevistas fica bastante claro que a música poderia ser mais bem aproveitada no sistema de ensino brasileiro, mas que os professores deveriam estar recebendo melhor preparo no sentido de conhecer as necessidades que uma criança tem para um desenvolvimento sadio, e de se prepararem para isso.

Todo o processo deve sempre acontecer de forma lúdica e principalmente através do ato de brincar. O que não quer dizer que a criança deva estar sempre fazendo somente o quiser. Pais, professores e outras pessoas que sejam responsáveis pela educação e

desenvolvimento da criança, devem estar conscientes de que ela precisa aprender limites e regras, e que não há motivo para ter medo de se impor à criança, desde que com respeito e muito diálogo. A criança pode não estar com a linguagem falada completamente evoluída, no entanto pode perceber a intenção do adulto através das mensagens subjetivas que vêm junto com suas ações.

A música ajuda a criança a se expressar, a lidar com sentimentos, a entender regras e limites, melhora os aspectos do comportamento através da subjetividade, própria da linguagem musical, e fornece liberdade de criação à criança. A música é vivenciada ludicamente, e é produto da fantasia. Ou seja, não é mera reprodução de algo que já se ouviu antes, mas a criação constante de algo que não necessariamente já existia ou já era conhecido. A criação, a liberdade que ela traz ao ser humano, leva-o a se sentir um indivíduo, entrar em contato com seus sentimentos, pensamentos, desejos, ou seja produz ou reconstrói a auto-estima. Essa produção de sujeitos através da subjetividade é o que pauta a relação do ser humano, especialmente da criança, por ser mais livre de qualquer molde do que um adulto, com a música. Por esse motivo, a música é tão importante na vida de uma criança.

## **4.2 MUSICALIZAÇÃO INFANTIL**

A musicalização infantil é interessante para o desenvolvimento infantil durante toda a sua infância, inclusive enquanto bebê. Ela estimula o desenvolvimento psicomotor, a sociabilidade, a expressão corporal. Além disso, estimula a atenção, a concentração da criança, o desenvolvimento cognitivo, a afetividade e o controle de sentimentos como

frustração ou raiva.

A musicalização estabelece padrões rítmicos, que futuramente serão mais facilmente desenvolvidos, e isso também influencia positivamente o desenvolvimento das coordenações sensório-motoras.

Além de tudo, as aulas são geralmente baseadas no repertório do folclore brasileiro, o que possibilita que a cultura do país seja preservada geração após geração.

Musicalização não é simplesmente aprender música, mas aprender a conviver em grupo, dividir, frustrar-se, competir, concentrar-se, entre muitas outras possibilidades trazidas pela musicalização. Mas, acima de tudo, a música traz muito prazer e satisfação à criança, buscando sempre a diversão, a simplicidade, a leveza e o lúdico, próprios do mundo infantil.

Citando Feres (1998): “O objetivo principal da musicalização infantil é desenvolver, na criança, o prazer de ouvir e fazer música.” (p.38)

Estimulando a criança a pensar, sentir, se expressar sozinha, estaremos estimulando-a em seu potencial cognitivo, social e afetivo também.

#### **4.3 MUSICOTERAPIA**

Segundo Benenzon (1985), a música tem efeito mobilizador no ser humano, e uma das formas de utilizar a música como ferramenta de mudança interna é através da musicoterapia.

A musicoterapia existe pela subjetividade própria da linguagem musical, chegando ao paciente de forma mais simples e natural, não ameaçadora. O paciente não é obrigado a fazer nada, e há pouca intervenção do musicoterapeuta durante uma sessão, o diálogo é mínimo, justamente para deixar a criança livre para se expressar como quiser, respeitando seu próprio tempo. Esse contato entre a criança e sua personalidade, seus desejos e seus sentimentos, fazem parte da produção de sujeito, um dos objetivos da musicoterapia. O resgate da auto-

estima, ou mesmo a construção dela, é uma das grandes metas da musicoterapia.

Willems apud Gainza apresenta relações entre aspectos da música e do comportamento humano. Para ele o ritmo é relacionado ao movimento corporal, a melodia está ligada à afetividade, e os aspectos estruturais da música, como harmonia ou forma, correspondem aos aspectos estruturais da mente humana, como a construção ou reorganização mental. Ou seja, todos os aspectos importantes no desenvolvimento infantil – motricidade, sócio-afetividade e cognição, podem ser beneficiados pela música, se utilizada de forma consciente e prazerosa.

Segundo a musicoterapeuta entrevistada, a fantasia e a subjetividade presentes na música fazem dela um grande facilitador do desenvolvimento da criança, atingindo e mobilizando o ser humano positivamente, e não ameaçando, pressionando ou inibindo-o.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não resta qualquer dúvida sobre a importância da música no desenvolvimento da criança mas, com certeza, é preciso que muitos estudos ainda sejam realizados acerca dos processos de desenvolvimento e do ensino-aprendizagem. A idéia de que só se pode passar pelo desenvolvimento cognitivo se também houver o desenvolvimento afetivo exemplifica claramente um ponto marcante nesta pesquisa, o olhar para o desenvolvimento da criança não somente pelo aspecto cognitivo, mas pelos aspectos sociais e afetivos também. Um não existe sem o outro, formando um tripé que representa a base do desenvolvimento sadio.

Quanto à relação teoria-prática, acontece de forma heterogênea, haja vista que nem todas as instituições possuem condições ideais para organizar uma boa estrutura física e docente. Contudo, os resultados apontam para uma melhora gradativa no sistema de ensino

brasileiro, e com pesquisas e projetos, governamentais ou não, em andamento, há uma expectativa de que as crianças, no futuro, poderão ter maior e melhor acesso à música, seja através de aulas de musicalização infantil, de musicoterapia, ou simplesmente do contato com uma variedade de músicas de qualidade, e não somente a música que chega à massa da população.

É necessário pesquisar, aprender, investigar, para poder mudar, promover mudanças a respeito do ensino-aprendizagem, da educação como um todo, e do desenvolvimento infantil e seus aliados, como a música.

## REFERÊNCIAS

- BENENZON, Rolando. *Manual de Musicoterapia*. Enelivros, Rio de Janeiro, 1985.
- BEYER, Esther. *A música no desenvolvimento infantil: concepções e desafios*. Ejournal. <http://www.ejournal.unam.mx/cem/vol03-06/cem0604.pdf>, acessado em 11 de dezembro de 2009.
- COLL, César; PALACIOS, Jesús e MARCHESI, Álvaro. *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. 2ª Ed.- vol.2. Porto Alegre, Artmed, 2004.
- CUNHA, Rosemyriam. *Musicoterapia na abordagem do idoso*. Universidade Tuiuti do Paraná, 1999. Monografia de Especialização.
- EST, Faculdade. 2008. *Musicoterapia*. Vida e Saúde. <http://www.youtube.com/watch?v=-7G5ZsJyhRE>, acessado em 12 de agosto de 2009.

FERES, Josette S. M. *Bebê – música e movimento: orientação para musicalização infantil.*

Josette S. M. Feres, Jundiaí, SP, 1998.

FLEITH, Denise de Souza e ALENCAR, Eunice M. L. Soriano. *Desenvolvimento de talentos e altas habilidades: orientação a pais e professores.* Porto Alegre, Artmed, 2007.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical.* 3ª Ed. São Paulo, Summus, 1988.

GLOBO, TV. 2008. *Musicoterapia para crianças.* Globo Comunidade.

<http://www.youtube.com/watch?v=npESAzinn8s>, acessado em 25 de novembro de 2009.

GREER, Sara. 2009. *The effects of music in pain perception.*

[http://www.laurenscharff.com/courseinfo/SL03/music\\_therapy2.htm](http://www.laurenscharff.com/courseinfo/SL03/music_therapy2.htm), acessado em 03 de dezembro de 2009.

MOSCOVO, Margarete Bueno. 2008. *A importância dos brinquedos no desenvolvimento infantil.* Brinquedo e brincadeira.

<http://brinquedoebrincadeira.blogspot.com/>, acessado em 2 de dezembro de 2009.

NOVAES, Iris Costa. *Brincando de Roda.* Agir, Rio de Janeiro, 1986.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.* Vozes, Petrópolis, 1995.

SOUZA, Maria do Rosário. 2008. *A importância do lúdico no desenvolvimento da criança.* Saúde e vida online.

<http://www.saudevidaonline.com.br/artigo68.htm>, acessado em 22 de novembro de 2009.

WALLON, Henry. *As origens do caráter na criança.* São Paulo, Nova Alexandria, 1995.





